

Análise da Complexidade dos artigos **Uma prioridade para o novo ministro da pequena empresa e Inovação, mercado de capitais e desenvolvimento**

Aluna: Vanessa de Oliveira Collere

Disciplina: Complexidade, Conhecimento e Sociedades em Rede

Uma prioridade para o novo ministro da pequena empresa (Paulo Feldmann)

<http://www.valor.com.br/opiniao/3087768/inovacao-mercado-de-capitais-e-desenvolvimento#ixzz2Qd9laalX>

Inovação, mercado de capitais e desenvolvimento (Tomás Tosta de Sá)

<http://www.valor.com.br/opiniao/3086142/uma-prioridade-para-o-novo-ministro-da-pequena-empresa#ixzz2Qd9zGeTy>

Dois artigos tratam da questão da necessidade do estímulo à inovação como elemento para competitividade e desenvolvimento econômico e social. O primeiro destaca o pouco estímulo ao inovador e o fato de o Brasil destacar-se mundialmente em desenvolvimento científico. O autor atribui isso à pouca relação entre universidade e empresa e lança a questão para o ministro da pequena empresa, propondo a aproximação entre estas empresas e as universidades. O segundo artigo defende a ideia do desenvolvimento de mercados de capitais como ferramenta de estímulo ao desenvolvimento, relacionando que nos últimos cinco séculos, os grandes avanços de desenvolvimento econômico e social das nações deveram-se ao espírito empreendedor de seus povos, às inovações, aos veículos de financiamento desenvolvidos e às decisões de correr riscos para atingir seus objetivos.

Os dois artigos concordam quanto ao papel da inovação e das empresas inovadoras para o país, mas defendem questões diferentes quanto aos meios de se estimular este processo. Certamente os dois artigos não esgotam o assunto, demonstrando a complexidade desta questão e que o pensamento linear de causa e efeito não é suficiente para explicar e menos ainda para tratar o assunto.

16/04/2013 às 00h00

Inovação, mercado de capitais e desenvolvimento

Por **Tomás Tosta de Sá**

Nos últimos cinco séculos, os grandes avanços de desenvolvimento econômico e social das nações deveram-se ao espírito empreendedor de seus povos, às inovações, aos veículos de financiamento desenvolvidos e às decisões de correr riscos para atingir seus objetivos.

Em seu livro, "A ascensão e queda das grandes potências", Paul Kennedy apresenta as três economias ocidentais que lideraram o mundo nos últimos 500 anos: Espanha, Inglaterra e Estados Unidos. Em suas trajetórias de ascensão, todas as três apresentaram as características acima mencionadas

O professor Alfredo Lamy Filho, em seu livro "Temas de S.A" assim se refere às conquistas das coroas portuguesa e espanhola: "No comércio marítimo, de grande atração na época, as 'societas maris' se multiplicaram. Pelos riscos que envolvia e pelos eventuais lucros que podia produzir, a navegação marítima deu origem a vários institutos do maior interesse para a vida do direito.

Assim, o empréstimo do dinheiro a risco, o 'foenus nauticum' [ancestral do venture capital] e o abandono liberatório, que limitava a responsabilidade do armador e sócios na viagem ao abandono do navio e fretes a seus credores. É nesse ponto que se introduz o problema básico da limitação da responsabilidade, dado o interesse social no incentivo as viagens, com a superação do princípio romano de que os bens do devedor respondem por suas obrigações. Essa limitação de responsabilidade, que viria a ser uma das maiores conquistas do milênio [S.A.], foi sem dúvida, e continua sendo, um fator básico do desenvolvimento econômico, atraindo os homens para a ousadia de grandes empreendimentos que marcaram nossa civilização."

Reforma da previdência deve incluir aumento da participação dos trabalhadores no capital das empresas

Os exageros especulativos, por ocasião da Companhia das Índias Orientais, fez com que Inglaterra e França proibissem posteriormente a constituição de empresas nessa modalidade jurídica, tendo a Inglaterra retirado essa proibição por ocasião da Revolução Industrial no século XVIII.

Os Estados Unidos, que gradualmente assumiram a liderança da economia mundial a partir do início do século XX, naturalmente estimularam o espírito empreendedor e inovador de sua gente, utilizando-se dos mesmos veículos de financiamento e estruturas jurídicas das empresas que herdaram de seus colonizadores.

Após a Segunda Guerra Mundial, novos elementos foram agregados a esse modelo de desenvolvimento nos Estados Unidos. Um deles é a importância de apoiar o crescimento de pequenas e médias empresas como forma de proteger os Estados Unidos de um processo de socialização, à semelhança da União Soviética. Nessa época, surgiu ao redor das universidades de Harvard e MIT, a primeira empresa formal de "venture capital" para apoiar as pequenas e médias empresas inovadoras

Outro foi o estímulo à criação dos fundos de pensão das grandes companhias americanas. Esse instrumento, com alterações posteriores na legislação, permitiu que os trabalhadores americanos se tornassem proprietários das maiores empresas americanas e fornecessem poupança de longo prazo para financiar os projetos inovadores de pequenos, médios e grandes empresários. Nas décadas de 1980 e 1990, cerca de 30 mil empresas foram apoiadas pela indústria de "venture capital" e "private equity" americano, das quais 3 mil abriram o capital em bolsa, com significativo aumento de produtividade da economia americana

Em 1981, quando realizamos o primeiro seminário internacional sobre "venture capital" no Brasil, uma revista americana que dizia que "Nos Estados Unidos, durante 30 anos após a Segunda Guerra Mundial, o que era bom para a General Motors era bom para a economia americana. Agora dizemos o que é bom para a pequena e média empresa é bom para os Estados Unidos."

Com a queda da taxa de juros, observada no último ano, o Brasil passou a ter as condições necessárias para um novo ciclo de crescimento do mercado de capitais como o observado após a criação do Plano Real.

Inflação e juros altos são os maiores inimigos do mercado de capitais e do desenvolvimento sustentável.

O Brasil poderá, com as indústrias de "venture capital" e "private equity", apoiar o surgimento das empresas da nova economia e ampliar o número de empresas listadas em bolsa

Consciente dessa oportunidade o Instituto Ibmec lançou a Estratégia Nacional de Acesso ao Mercado de Capitais, democratizando a chegada de pequenas médias e grandes empresas, de todos os setores da economia, ao mercado de capitais, criando os Institutos Regionais de Mercado de Capitais, com apoio dos agentes regionais e das grandes instituições do mercado

Os instrumentos tradicionais de abertura de capital como o lançamento de ações, debêntures, "commercial papers" bem como os novos veículos de captação de recursos para empresas de capital fechado, via fundos de direitos creditórios, abrem novas perspectivas ao empresário.

Além disso, os fundos imobiliários, os certificados de recebíveis imobiliários, as letras de créditos imobiliários, os certificados de recebíveis agropecuários, as letras de crédito agrícola, os certificados de direitos creditórios agrícolas, os certificados de investimento audiovisual, os certificados de potencial adicional de construção e os fundos de investimento em infraestrutura permitem as empresas e ao governo acessarem a poupança disponível na economia através do mercado de capitais

Se o Brasil não aproveitar seu bônus demográfico e realizar uma reforma previdenciária com uma acumulação de poupança que permita aos trabalhadores aumentar sua participação no capital das empresas nacionais, não resolveremos nem o problema da melhor distribuição da riqueza no país nem do desenvolvimento econômico de longo prazo.

15/04/2013 às 00h00 1

Uma prioridade para o novo ministro da pequena empresa

Por Paulo Feldmann

Santiago, capital do Chile, está se transformando no novo Vale do Silício da América do Sul. Há três anos o governo chileno lançou um programa para atração de empreendedores de qualquer canto do mundo que estivessem criando novas empresas ainda em estágio embrionário na área de tecnologia. Batizou o programa de "Start-up Chile" e, em pouquíssimo tempo, recebeu e instalou mais de 300 pequenas empresas. A prefeitura de Santiago oferece incentivos fiscais, network para obtenção de capital e integração com as universidades locais para fornecimento de mão de obra. O próprio presidente do Chile, Sebastián Piñera, declarou que, com o programa, em breve o país terá o maior polo de inovação do mundo.

O que aconteceu no Chile muito dificilmente seria reproduzido no Brasil. Não temos políticas de apoio ao empreendedor inovador, figura hoje muito disputada por governos de países que sabem reconhecer a importância do desenvolvimento tecnológico, como o Chile o faz. Aliás esta é uma das mais importantes explicações para o fato de estarmos tão atrasados em desenvolvimento tecnológico e produção de inovações.

Pouco estímulo ao inventor ou inovador explica porque o país é bom em ciência mas ruim em tecnologia

A melhor medida para esta produção é o número de patentes registradas no organismo internacional que faz esse registro, a USPTO. No ano passado, o Brasil ali registrou apenas 500 patentes o que significou menos de 0,25% das 200 mil patentes que foram registradas por todos os países. Com isso não estamos nem entre os 30 maiores produtores de inovação do mundo. Interessante que esta não é a situação da ciência no Brasil que, por sinal, é quase sempre produzida dentro da universidade. Nesse caso já somos responsáveis por quase 3% da produção científica mundial estando entre os 12 países que mais produzem ciência no mundo.

Por que somos relativamente bons em ciência mas muito ruins em tecnologia? Existem várias razões mas uma das mais importantes está no pouco estímulo ao inventor ou inovador para que ele possa ter seu negócio e se tornar um empreendedor. Para alguém se transformar em empreendedor no Brasil vai ter que superar inicialmente a barreira da burocracia que nos coloca como um dos países onde é mais complicado e difícil se abrir uma nova empresa já que o tempo médio para isso é de cinco meses.

Aliás capacidade empreendedora tem tudo a ver com a micro e pequena empresa, pois o indivíduo que é dono de uma boa ideia ou de algo inovador se dirige ao mercado inicialmente criando sua microempresa. E na verdade se existe um segmento empresarial que nunca teve apoio real nesse país esse segmento é o das micro e pequenas empresas. Apesar de serem 99,1% do total das empresas brasileiras e gerarem 60% do total dos empregos, são responsáveis por menos de 20% do nosso Produto Interno Bruto (PIB). Ou seja, elas não têm a menor importância no contexto geral da nossa economia.

Em qualquer país do mundo elas recebem atenção especial e proliferam incubadoras para ensinar aos novos empreendedores a arte de gerenciar sua pequena nova empresa. As incubadoras na maioria das vezes fazem parte de universidades e se destinam a abrigar por um a três anos as empresas nascentes para que elas não morram antes da hora. Israel por exemplo tem quase 400 incubadoras e 7 milhões de habitantes enquanto São Paulo, a maior cidade do Brasil, com seus 11 milhões de habitantes, tem apenas uma incubadora que é o Cietec, localizado dentro do campus da USP, faz um trabalho excepcional mas é único.

Em parte devido a essa falta de incubadoras, a verdade é que não existe um intercâmbio saudável entre o mundo acadêmico e o empresarial em nosso país. Ao mesmo tempo em que a universidade brasileira precisa ser parabenizada pela produção crescente e expressiva de seus docentes, que permitiu o lado positivo das estatísticas referentes à produção científica, é a mesma universidade que não consegue e não sabe se relacionar com as empresas brasileiras

para lhes prover tecnologia como acontece em outros países grandes produtores como EUA, Inglaterra, Coreia e Israel e vários outros.

Em parte devido a essa falta de incubadoras, a verdade é que não existe um intercâmbio saudável entre o mundo acadêmico e o empresarial em nosso país. Ao mesmo tempo em que a universidade brasileira precisa ser parabenizada pela produção crescente e expressiva de seus docentes, que permitiu o lado positivo das estatísticas referentes à produção científica, é a mesma universidade que não consegue e não sabe se relacionar com as empresas brasileiras para lhes prover tecnologia como acontece em outros países grandes produtores como EUA, Inglaterra, Coreia e Israel e vários outros.

Nesses países, boa parte da produção tecnológica vem das pequenas empresas e, em boa parte, elas se originaram dentro das universidades, os chamados "spin-off". Em qualquer análise vamos verificar que no Brasil há muito por fazer para aproximar as universidades das empresas. Claro que uma parte do problema é cultural e isso não pode ser esquecido na busca da solução. O Brasil herdou a tradição europeia do cientista como acadêmico e não o modelo americano do cientista inventor e empresário. Para um pesquisador universitário, o fato de ter ligação com a indústria é considerado prostituição pelos colegas. Lamentavelmente, o que tem impedido a solução desta questão é que em ambos os lados muitos negam a existência do problema.

Qual a saída? Incentivos para os dois lados passarem a se relacionar. Essa é uma das razões do sucesso do modelo coreano principalmente nesta área. Os professores que conseguirem fazer acordos com as empresas para desenvolverem suas pesquisas precisam ser premiados e as empresas que apoiarem a universidade merecem isenções tributárias.

Há poucos dias o Senado aprovou a criação do Ministério da Pequena Empresa e a presidente Dilma está para indicar seu titular. Este novo ministro começaria muito bem sua atuação se logo de início reconhecesse a importância do problema da falta de sintonia entre universidade e pequenas empresas e poderia perfeitamente se dedicar a priorizar a construção desta ponte.

Muitos países galgaram seu desenvolvimento calcados no suporte que suas academias deram ao mundo empresarial mas nós estamos muito atrasados nestas questões. Se queremos nos destacar como um país importante na geração de inovação então temos que reverter essa situação urgentemente.

Paulo Feldmann é professor da FEA USP, presidente do Conselho da Pequena Empresa da Fecomércio, membro do Conselho da Cidade e diretor da Câmara de Comércio Brasil Israel.

© 2000 – 2012. Todos os direitos reservados ao Valor Econômico S.A. . Verifique nossos Termos de Uso em <http://www.valor.com.br/termos-de-uso>. Este material não pode ser publicado, reescrito, redistribuído ou transmitido por broadcast sem autorização do Valor Econômico.

Leia mais em:

<http://www.valor.com.br/opiniao/3086142/uma-prioridade-para-o-novo-ministro-da-pequena-empresa#ixzz2Qd9zGeTy>